

Ordina, 10 de novembro de 1888.

Bruza.

Tenho recebido sempre as tuas cartas e os jornaes que as acompanham; Dê-las, porém, só não me veio ás mãos a que, segundo me dizes, escoltava A Terra, de Zola. Em uma dessas queridissimas cartas, talvez a mais preciosa, disste-me, com justeza e chic, "divino feliz...". E é verdade — actualmente, apesar do mau humor e spiteen que viciam em mim, como o capim nas calcadas ou a hera nas ruínas, mau humor horrivel e desesperador, que me vem só de ter de encher a Tribuna e cumprir as árduas



obrigações da Capitania; apesar
disso, sou, sou perfeitamente, co-
mo tu dizes, um, divino felizss.
E, divino feliz, eu vou vivendo
no meio destes incomparáveis occasos,
no meio destas soberbas praysagens
catharinenses, no céu de uma casa
risonha, em S. Luz, na Pedra
Grande, á beira d'agua, vendo pas-
sar de olhos alegres e peito em fes-
ta as asas dos passaros e a nave-
gação das velas - loving dog ou lap
dog acarinhado, cheio de estima-
ção e triumpho no vasto reçoço
quente e perfumoso de uma rapari-

ga de cabellos de sol, olhos de setim
azul-~~de~~-céo, labios de romã ma-
dura estalada de seiva e braços
cariciosos, rosados, clarissimos,
com pello de veludo de ouro, va-
lentes e fortes como para eternos
abraços - os eternos abraços dos
noivados, que duram as vezes
100 annos! Vivo de amor,
vivo de ideal, do fogo e da res-
plandecencia da carne, de ver-
dadeiras mesquinhasarias, no pen-
sar de muitos, e certo. Mas,
sou supremamente feliz, feliz
como um Deus ou como uma estrel-

la que vive bem alto, longe,
cheia de luz, no Infinito...
E certamente ninguém ha no
mundo que se me compare
agora - nem um rei, nem um
sol! - Eu mesmo sou um
rei e um sol. - Dou vida,
alegria, encanto e fulgôr
á minha amada, á mi-
nha bem amada, que é,
como sempre foi todo o meu
desejo, uma mulher de ra-
ça superior, da unica raça
que sabe ~~agor~~ no mundo
e ter valor - a raça brita-

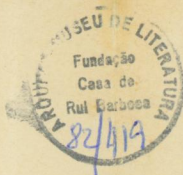
nica, rica, diamantina, cheia
de saúde e vigor, sem nervo-
sismos, sem achagues, sem len-
ço nos queixos, sem callos — só
possuindo talento, scintillação
e graça. A minha amada,
tu a conheces. É a Lilly — u-
ma flôr, flôr da Escocia, côr
de rosa e bem desabrochada. É
de Callander, que deu origem
ao seu nome suave e de prata,
uma ilha encantadora, luzente
e da côr de uma esperança, so-
bre os crystaes do Golfo de Lorn,
onde se espélham melancólica-

mente as sombras angulosas e fortes dos Gampicans. Ella possui-me, domina-me e ama-me ^{me} profundamente, prodigiosamente, com a ostentação, a firmeza e o orgulho de ^{uma} mulher que amasse, dominasse ou possuisse um leão. E bem me parece ella uma leãoa ruiva, porque no seu coração o amor grita e canta alto, robusto e saõ como um do de peito, aggressivo e potente nas caricias esfervecen-tes do sangue... Às vezes, os nos-sos corações úrram e gêmem nas convulsões d'um cio, voltados um

para o outro, chammejantes, eléc-tricos, a esparadamar sangue — fe-riões e esmagados contra a grade brônzea do Dever, que tranca os santos domínios do gozo... Mas, o mais das vezes, vivemos na doce mudez do emberecimento mútuo, n'uma contemplatividade de affectos beneditos, scismadissimos, no encantamento dulcuroso e di-vino da saudade e do extase — al-ma escorendo em alma, caricia em caricia, riso em riso, olhar em olhar!... E assim passamos — eu e ella — as tardes, as noites

até á madrugada, triste hora
da interrupção pesada e dolo-
rosa da despedida, entre o leve
e triumphal rumor do dia que
vem subindo e o canto estri-
dente e alegre de algum pas-
saro que despertara por demais
cedo, batido pelas rajadas
matinaes das serras. É uma
delicia immensa a minha vida,
estendida e socegada por debaixo
do Azul, como a vasta toalha
d'agua de um lago adormecido
entre folhagens brilhantes, que
fórmam céo, e de onde pendem,
n'um resplandecimento deslum-

brados e felícos, os astros de ouro
dos fructos. E todos os dias
é isto, é este bem tão bom que
eu até nem mereço, este bem se-
guido e certo como uma série,
uma série fulgurante e sem fim
de sterlingas e sóes... Não cal-
culas como eu vivo, eu que sou,
meu Deus! o que tu bem dizes -
um Divino feliz! E agora,
mais do que nunca, desejo viver,
viver muito, por mil homens sãos,
na generosa e potente saúde e paz
de um leão; ter talento, ter dinhei-
ro - ser Cça de Sueiros e Rothchild,



para poder assim bem amar
e bem gozar a Lilly ... Mas
quem sabe o que será o futuro?
Oh! que tédio e horror me dá,
crispando-me os nervos a miséria
do Incerto, do Inafiançável,
do Imperscrutável e do que vem!
O que será o que vem para o
meu e o teu futuro? para o
de nós rapazes, entusiasmados e for-
tes, ~~que~~ que manejamos
uma penina e somos os filhos
da Utopia e primos do Ideal?
O que será de além para mim,
para ti, para o Lostado, para

o Oscar, o Araújo e o Horacio?!...
O' mudos crassa do Zéio, o' respos-
ta enigmática e negra do Nada!..

— — —
Pelo paquete entrado hontem
do Norte, recebi uma carta ma-
gnífica e longa do queridissi-
mo Dr. Remedios Monteiro, que
se refere a ti neste tópico: «De-
me noticias do Cruz e Sousa. Vae
bem na Corte? Interesse-me sin-
ceramente por tão distincto e in-
telligente amigo e doe-me no fun-
do da alma os preconceitos que
naturalmente terá de vencer para

occupar uma posição inferior ao seu legítimo merecimento...)

Seu bello e santo homem, hein?

Vê-se-lhe escreves d'aqui, e si pudeses envia-lhe um dos retratos que tiraste com o Oscar, acompanhando de uma boa dedicatória. Elle se rejubilará profundamente com isso.

Não tenho mais tempo, e esta já vai bem grande. Escreve-me tu extensamente, como ás vezes costumavas; tens tempo para isso. Eu não! Sou um atormentado e estou no vicio e na preguiça de só escrever para todos em margem de jornal. Além disso, como já sabes, ha seis meses, penso, tenho todas as tardes e noites tomadas... Nunca visito ninguém, nem mesmo a ^{meu} Tribuna, ^{como de antes.} Para esta, sarrabisco algumas linhas sómente na Basílica. O mais não. Adeus! Lembra-te de minha família e do Toracão. Teu amigo Virgílio Varsa.